

PAI, FILHO, NETO

Fundador da ACIL
passou para o filho o
vínculo com a
Associação. E o filho
passou para o neto.

AO LONGO DESTES 70 ANOS DE ACIL, DUAS FAMÍLIAS TOTALIZARAM QUASE 28 ANOS À FRENTE DA ENTIDADE. OS RAPCHAM PRESIDIRAM A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE LONDRINA POR 4 ANOS; JÁ OS DEQUÊCH COMPLETARAM 24 ANOS E TRÊS GERAÇÕES NO ENDEREÇO. TODOS TÊM MUITA HISTÓRIA PARA CONTAR



Pai e filho e avô, três gerações de presidentes da ACIL: personalidades fortes e coragem para desafiar governos

Nilo Dequêch (1978/79 – 1982/83)

David Dequêch Neto (2002/04)

David Dequêch (1937/44 e 1949/1958)

Ricardo Vilches

Especial para a ACIL

Quando o libanês David Dequêch aceitou o convite feito por dois amigos para liderar a criação da Associação Comercial de Londrina, em 1937, não imaginava que estaria iniciando também uma história de família. Ele presidiria a entidade por dezoito anos. Seu filho, Nilo, comandou a Associação por outros quatro e o neto, David Dequêch Neto, por mais dois. Juntos, somaram 24 anos à frente da ACIL, numa prova de que o vínculo e o compromisso com a entidade atravessam gerações.

David Neto tinha apenas 10 anos quando, ainda no anfiteatro localizado no primeiro piso do prédio da ACL, viu bandeirolas decoradas com frases e embaladas pelo vento que vinha das janelas abertas. Tratava-se do varal de poesias montado por artistas locais que manifestavam assim o descontentamento com o regime militar. A cena ficou gravada na memória de David, que na época não largava o pai, e este não saía da sede da entidade - mesmo quando a entidade não abrigava as chamadas *manifestações culturais*, um eufemismo para os protestos.

“A minha história dentro da ACIL se parece e muito com a do meu filho”, diz

Nilo, que ainda criança freqüentava o prédio da entidade e que se tornou o primeiro londrinense de nascimento a ser presidente da Associação. “A importância de grupo, de entidade, era isso que meu pai pregava, foi isso que aprendi.” O velho Dequêch partiu em 1973, vítima de úlcera no duodeno. “Mas estava lúcido”, gosta de lembrar Nilo, que é o filho do meio, entre cinco irmãos.

“Juscelino Kubitschek era um baita orador”

Nilo Dequêch

Dos tempos do pai presidente da ACL, ele lembra da Marcha da Produção, um protesto de comerciantes e produtores que os pôs frente a frente com o regime. “Um militar chegou e disse para meu pai: ‘Como brasileiro, estou ao lado de vocês, mas como militar, minha tarefa é não deixar vocês atravessarem a ponte’”, se referindo à transposição do Rio Tibagi no trajeto entre Ibiporã e Jataizinho.

“Juscelino Kubitschek era um baita orador”, lembra Nilo, recordando-se do que o marcou na passagem do ex-Presidente da República e na época senador a Londrina, em 1963. “Vi que todo o discurso dele era lido, estava anotado”, explica. Mas o senador JK se justificou: “Trago estes escritos para a memória não me trair. Mas o que sai do coração, jamais me trairá...” E assim o ex-presidente JK continuou seu discurso.



Não só a história da ACIL, mas a de Londrina está fortemente ligada à família. Mesmo após algumas revisões históricas, a casa de madeira de David Dequêch é considerada a primeira erguida na zona urbana de Londrina, onde até então, só se via ranchos feitos com troncos de palmito. “Na frente ficava a Casa Central, um comércio de secos e molhados que vendia até porco vivo”, diz o filho do pioneiro, lembrando do antigo endereço onde hoje está o cruzamento das avenidas Celso Garcia Cid e Duque de Caxias.

A chegada de David Dequêch em Londrina foi em 1931. Veio de Mafra, Santa Catarina, destino improvável dos imigrantes libaneses, que se encantaram com as ofertas de lotes rurais feitas pela Companhia Norte do Paraná. No ano seguinte aconteceu a mudança definitiva já com a esposa Jamile Dequêch, fluminense de Petrópolis de nascimento, libanesa no registro. “O problema foi que ela perdeu o registro de nascimento brasileiro quando estava com os pais no Líbano. E para entrar no Brasil de volta foi necessário fazer um novo registro”, lembra Nilo.

Nilo:
“A importância de grupo, de entidade, era isso que meu pai pregava, foi isso que aprendi”.

Para ele, o pai era um apaixonado por estudos. Tanto que falava seis idiomas, entre eles o hebraico, o árabe e o aramaico. “Quando estava na ACL, meu pai foi tomado pela fama criada em torno do esperanto, o que seria o idioma universal. Ele chegou até a trazer um professor de fora para dar cursos nas salas da Associação, mas a idéia não foi longe”, recorda.

Das lembranças de crianças aos confrontos já como presidente da ACL. Veio de Nilo Dequêch o incentivo para a exposição que marcou a infância do filho, com as bandeirolas balançando ao vento na sede da entidade. O evento estava ligado ao Departamento de Cultura da ACL, uma diretoria tão ou mais importante do que as outras em tempos de privação de liberdade de expressão. As apresentações de teatro vinham acompanhadas de discursos contra o regime militar. Enquanto Arrigo Barnabé cantava, Domingos Pellegrini recitava, Henrique Aragão explicava a inspiração para as esculturas, o empresariado local discutia seu papel nas transformações do País.

Mais tarde, a mesma sala serviu de palanque para políticos do antigo MDB exporem suas idéias e ideais. Ulisses Guimarães, Tasso Jereissati e José Serra bradavam contra a Arena. “Outras entidades poderiam abrigar movimentos assim, mas havia na época uma identificação natural com a ACL”, informa Nilo. Ainda estudante da antiga Faculdade Estadual de Direito, foi engajado presidente do Centro Acadêmico e depois, presidente do recém-formado Diretório Central dos Estudantes. “Lutávamos não só pelos direitos do estudante, mas pela liberdade de expressão.”



David: “Só vi meu pai chorar duas vezes na vida. Uma, foi na morte do pai dele; a outra, com o resultado da eleição”.

O custo disso foi a constante vigilância por parte de agentes da Polícia Federal. “Era normal sermos chamados a dar explicações para o reitor. Certa vez fui acusado de estar recebendo e distribuindo clandestinamente jornais contra o regime.” Mas até então, nada de mais grave havia acontecido. As explicações à polícia só aconteceram anos mais tarde, já como presidente da ACL. Donos de restaurantes procuraram a entidade para reclamar da tabela de preços determinada pelo governo militar. A lista da Sunab – Superintendência Nacional de Abastecimento estava defasada. Com os valores muito baixos, os restaurantes estavam ameaçados de se tornar inviáveis.

Nilo recorreu à imprensa que alertou o temido Pedro Tocafuldo, uma espécie de manda-chuva do regime em Londrina, e que chegou a ser jogador de futebol profissional em Curitiba e São Paulo. Tocafuldo reagiu pedindo a abertura de inquérito contra o presidente da ACL na Polícia Federal sob acusação de insubordinação. “Não deu em nada, nem inquérito, nem a chegada de um representante da Sunab por aqui.”

As relações entre comerciantes e governo já não eram das melhores e, enfim, a gota d’água fez o copo transbordar. O assassinato do filho de um empresário, de 16 anos, por um algagüete da polícia de dentro de uma viatura foi motivo para protestos pelo Centro da Cidade. “Onde passávamos as lojas fechavam e os funcionários eram liberados para participar da passeata.” Os comerciantes reclamavam do despreparo da Polícia Militar, que permitia que um algagüete andasse armado e dentro de uma viatura.

A repercussão do protesto foi imediata. Uma ligação de Curitiba convidava o presidente da ACL para uma reunião com o governador na capital. “Não vou”, respondeu Nilo. Restou ao governador Ney Braga o envio para Londrina de um representante, o secretário de segurança. Por seis horas o *homem* ouviu reclamações. O vice-governador, Otávio Cesário Júnior, intermediou um acordo para que os representantes de Londrina fossem então falar com o governador em Curitiba. “Quantos irão?”. “Quantos couberem no avião”, afirmou Nilo. Saíram daqui 16 pessoas para falar com o governador. Na volta, Londrina contabilizava o envio de mais policiais civis e militares. “O governador chegou a pedir que indicássemos um nome para ser o delegado de Londrina. Negamos na hora por considerar que, assim, o governo abria mão das responsabilidades sobre a Cidade.”

“Não seria o anúncio no jornal que iria fazer a ACIL se calar.”

David Dequêch Neto

Nilo deixou a presidência da ACL faltando seis meses para o fim do segundo mandato. Fora convidado pelo prefeito Wilson Moreira para

ser diretor presidente da Cohab, hoje Companhia de Habitação de Londrina. “Achei melhor deixar a entidade para que ela ficasse livre para fazer as críticas que achasse necessárias contra a administração na qual iria trabalhar”, explica. Foi nesse breve espaço de tempo, cerca de seis meses, que pela única vez a ACL foi presidida por um interino, no caso o comerciante José Costa Reis, conhecido como *Português*.

O sangue quente do pai foi uma característica herdada pelo filho David Dequêch Neto no comando da ACIL quase 20 anos depois. Londrinense de nascimento como o pai, David Dequêch Neto foi um dos presidentes mais novos da entidade, ao assumir a cadeira com 34 anos. Antes, porém, houve a eleição, com uma disputa acirrada. Uma saudável oposição manifestou interesse e decidiu lançar candidato próprio. David foi o representante da situação. Na oposição estava o médico Severo Canziani Filho. “Só vi meu pai chorar duas vezes na vida. Uma, foi na morte do pai dele; a outra, com o resultado da eleição”, conta David.

Eleito presidente, decidiu resgatar a proposta de política classista da ACIL, sem com isso deixar de lado a vigilância sobre o poder público, agindo quando necessário. E isso não demorou. Começou com a proposta do prefeito Nedson Micheleti de implantar o shopping popular com recursos públicos para a retirada de camelôs da rua. De início, a entidade considerou a decisão da Prefeitura aceitável, desde que o apoio financeiro fosse o menor possível e que os camelôs, uma vez no novo empreendimento, abandonassem a informalidade, tornando-se microempresas. Mas isso não ocorreu, mantendo o quadro de ilegalidade, sonegação fiscal e de concorrência desleal com o comércio formal.

Aí veio a briga por mudanças na regulamentação do horário de funcionamento do comércio. Críticas duras foram feitas à administração e tornadas públicas no Jornal da ACIL, que fora retomado (em substituição ao Jornal do Comércio) para que a entidade voltasse a ter um veículo de comunicação com força editorial. A resposta veio na edição seguinte do jornal. “Estávamos prontos para mandar o jornal para a gráfica, só esperando a agência (de publicidade) mandar o comercial da Sercomtel. Foi aí que fomos avisados que a publicidade fora cancelada devido às críticas publicadas na edição anterior. Pedi as explicações disso por escrito. Elas vieram e publicamos a nota na página que estava destinada à propaganda da Sercomtel. Não seria o anúncio no jornal que iria fazer a ACIL se calar.”

A postura crítica chegou também ao Sincoval – Sindicato do Comércio Varejista de Londrina e Região, quando, pela primeira vez, a ACIL decidiu incentivar a formação de uma chapa de oposição para disputar o comando do sindicato. “Mudanças por lá seriam bem-vindas. Não é possível uma entidade que representa cerca de 40 municípios da região ter pouco mais de 100 pessoas com direito a voto.”

“Era normal sermos chamados a dar explicações para o reitor.”

Nilo Dequêch

A qualidade mora nos detalhes.



Para A.Yoshii Engenharia todo detalhe é importante. Cada empreendimento é exclusivo e todo cliente é muito especial, pois construir é a nossa vocação, garantir a qualidade é nossa marca e a sua satisfação e o respeito do mercado o nosso maior orgulho.

Visite o Show Room A.Yoshii.

Conheça os Apartamentos Decorados. Você vai sentir a diferença.